

16

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

JUN 2022

ISSN: 2183-0924

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

16

JUNHO

2022

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Junho de 2022**

Volume: **16**

Capa: Placa de xisto decorada da Anta 1 de Vale da Moura
(Foto de António Carlos Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

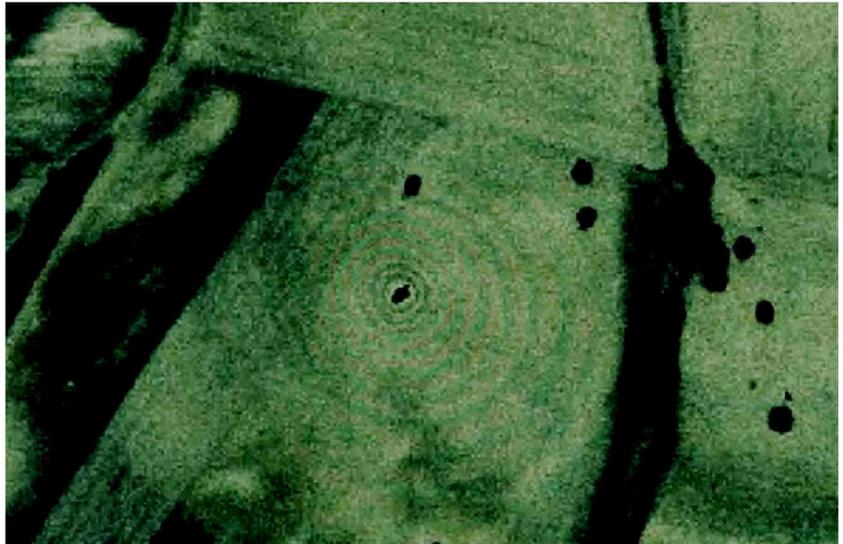
Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

| | | | |
|---|----|--|----|
| EDITORIAL | 07 | Inês Mendes da Silva BOA VISTA 5 E AS COMPANHIAS PARA O COMÉRCIO DO BRASIL. 1490-1720. | 41 |
| Tiago do Perreiro, António Carlos Valera PLACAS DE XISTO E BÁCULO DA ANTA 1 DE VALE DE MOURA (ÉVORA). BREVE APONTAMENTO | 09 | Ana Rosa, Inês Simão A ANTIGA FÁBRICA NAPOLITANA, ALCÂNTARA. UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA SOBRE A CASA DAS CALDEIRAS | 49 |
| António Carlos Valera, Tiago do Pereiro ROUCA 7 (CANO, SOUSEL): GEOFÍSICA DE UM NOVO RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO | 15 | Ana Catarina Basílio, André Texugo, Tiago do Pereiro iARQUEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ADOÇÃO DO SENSOR LIDAR DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA | 57 |
| António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio, Alessio Gorga, Nelson Almeida, Juliana Ferraz O GRANDE COMPLEXO DE RECINTOS DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO DO MONTE DA CONTENDA (ARRONCHES): ABORDAGEM A PARTIR DE DISTRIBUIÇÕES DE SUPERFÍCIE | 21 | Ana Costa Pereira, Tomás Pereira Botelho DESCONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA: TEMPO, AGÊNCIA E MEDIAÇÃO | 69 |
| Patrícia Diogo Monteiro, Artur Ribeiro, António Carlos Valera WOODLAND RESOURCES IN PERDIGÕES: ANTHRACOLOGICAL ANALYSIS OF CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE CONTEXTS | 33 | | |



EDITORIAL

25 anos de ERA Arqueologia

A ERA Arqueologia faz este ano 25 anos. Ao longo deste quarto de século de existência o seu compromisso com a divulgação e publicação dos seus trabalhos e do conhecimento produzido traduziu-se numa intensa actividade editorial, na participação em inúmeras reuniões científicas nacionais e internacionais ou publicação regular de artigos em actas e revistas de especialidade. De entre todas estas realizações ganha particular relevo o esforço dedicado à actividade editorial, porque é diferenciador, representa a forma como a empresa pensa e vê a sua actividade e é demonstrativo desse mesmo compromisso.

De facto, tendo a ERA surgido em 1997, o primeiro número da revista em papel ERA Arqueologia, foi publicado em 2000. Até 2008 foram sucessivamente editados oito volumes, nos quais se publicaram trabalhos da empresa, artigos de investigação e teoria, se discutiram questões da organização da arqueologia e da profissão (Ensino, Divulgação, Ordem dos Arqueólogos, Cadernos de Encargos, etc.). Seguiu-se a revista online Apontamentos de Arqueologia e Património, que publica agora o seu 16º volume. A par, criaram-se as séries ERA Monográfica, já com seis volumes editados, e Perdígões Monográfica, com dois volumes publicados, às quais se soma a publicação das actas de um workshop.

Para utilizar uma expressão em voga: conhecer, debater, divulgar e comunicar fazem parte do “nosso ADN”

António Carlos Valera

A ANTIGA FÁBRICA NAPOLITANA, ALCÂNTARA. UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA SOBRE A CASA DAS CALDEIRAS.

Ana Rosa¹
Inês Simão¹

Resumo:

A antiga fábrica moageira e alimentar *A Napolitana* (1908-1970), insere-se no conjunto das grandes unidades fabris que se instalaram em Alcântara (Lisboa), entre os séculos XIX e XX, engrandecendo esta área como um dos principais pólos industriais da vertente ocidental da cidade.

Actualmente classificada como Monumento de Interesse Público, esta antiga unidade industrial encontra-se em processo de reabilitação e adaptação a novas funções, facto que trouxe a realização de um conjunto de trabalhos arqueológicos. Entre estes, destaca-se a escavação arqueológica da antiga Casa das Caldeiras, que permitiu caracterizar um conjunto de estruturas e infraestruturas associadas ao funcionamento das caldeiras que alimentavam a Casa das Máquinas e todo o complexo industrial.

Abstract:

The former Napolitana factory, Alcântara. An archeological perspective on the Boilers House.

The former milling plant *A Napolitana* (1908-1970), is part of the set of large manufacturing units that settled in Alcântara (Lisboa), between the nineteenth and twentieth centuries, enhancing this area as one of the main industrial centers of the western part of the city.

Currently classified as a Monument of Public Interest, this former industrial unit is in the process of rehabilitation and adaptation to new functions, a fact that brought the realization of a set of archaeological works. Among these, we highlight the archaeological excavation of the old Boilers House, which allowed to characterize a group of structures and infrastructures associated with the operation of the boilers that fed the Engines House and the entire industrial complex.

1. Nota introdutória

A antiga fábrica *A Napolitana*, actualmente classificada como Imóvel de Interesse Público, encontra-se em processo de reabilitação, com vista à sua adaptação a uma instituição escolar. As suas novas funções implicam necessariamente alterar e adaptar o seu espaço interior e exterior, no entanto, o projecto em curso, procura salvaguardar a sua traça arquitectónica original, elemento que torna esta fábrica um caso particular e a distingue das suas congéneres.

Neste contexto, foram efectuadas duas fases de diagnóstico arqueológico no local:

- Em 2018, foram realizadas 10 sondagens na área exterior. A profundidade atingida, até cerca de 3m, permitiu identificar uma sequência estratigráfica linear, consonante com a informação cartográfica histórica disponível, verificando-se que a fábrica foi construída sobre os aterros modernos / contemporâneos, assentes sobre os níveis naturais de assoreamento da margem do rio Tejo e da Ribeira de Alcântara.
- Em 2020, foram realizadas 9 sondagens distribuídas entre o Piso 0 e o Piso -1, dos edifícios principais da antiga fábrica, a preservar, (o edifício da Fábrica de Massas, o edifício de Fábrica da Moagem, o edifício das Máquinas e o edifício dos Silos), áreas onde a afectação prevista se relaciona com o projecto de reforço de fundações e estruturas. Estes trabalhos permitiram identificar,

¹ ERA Arqueologia S.A.

essencialmente, um conjunto de infra-estruturas e elementos estruturais relacionados com o funcionamento da fábrica.

No seguimento destes trabalhos de diagnóstico e considerando que o projecto de reabilitação inclui a construção de um novo edifício, no lugar de uma actual área de armazéns, procedeu-se, entretanto, à escavação integral da sua área de implantação, colocando a descoberto estruturas relacionadas com as antigas caldeiras industriais.

Através do presente texto, apresenta-se uma primeira abordagem arqueológica destes contextos, esperando que a posterior fase de acompanhamento do desmonte das estruturas identificadas possa fornecer respostas às dúvidas que ainda subsistem sobre o funcionamento desta área da fábrica.

Administrativamente, este complexo fabril situa-se no quarteirão delimitado pela Rua da Cozinha Económica, a Rua Maria Luísa Holstein e a Travessa Teixeira Júnior, na freguesia de Alcântara, concelho e distrito de Lisboa, (Carta Militar Portugal, folha 431, à escala 1/25000).

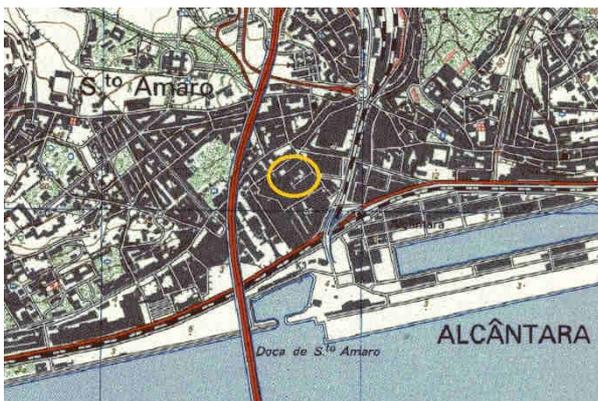


Figura 1 – Localização do sítio em excerto da CMP, folha 431, à escala 1/25000.

2. A Napolitana

2.1 Enquadramento histórico

A indústria em Portugal apresentou um grande desenvolvimento durante o século XIX e na 1ª metade do século XX, com particular destaque para o importante crescimento do sector nas grandes urbes. Em Lisboa, as francas condições naturais a par de um comércio marítimo e fluvial, desde cedo, activo, permitiram impulsionar a construção de diversos núcleos fabris, particularmente instalados ao longo da sua frente ribeirinha.

Este desenvolvimento beneficiou ainda da reconstrução pós-terramoto de 1755, que representou para a zona ribeirinha da cidade uma fase de reformulação, com o elaborar de um plano de melhoramentos para a frente Tejo, da autoria de Carlos Mardel. A partir deste momento e durante todo o século XIX e

XX, culminando no Plano de Melhoramentos do Porto de Lisboa, com vista a dotar a cidade de equipamentos essenciais às suas necessidades de crescimento urbano, desenrolaram-se diferentes processos de conquista de terrenos ao Tejo, permitindo novas áreas de construção, novos eixos de circulação e novas áreas de cais de apertagem para acesso ao rio.

Este processo, decorrendo paralelamente com a industrialização do Reino, significou para o Vale de Alcântara uma marcante alteração da sua matriz económica, agora como um foco industrial, o qual iria perdurar quase até à actualidade.

Com efeito, após a sua apropriação rural e palaciana, a partir da 2ª metade do século XVIII, verifica-se uma mudança progressiva e uma gradual industrialização da área, viabilizando-se a instalação de unidades manufactureiras e fabris, sedentas de território para sua expansão, que impossibilitadas de se instalarem junto dos habitantes intramuros, por razões económicas, topográficas ou médicas, acabaram por encontrar espaços arejados e livres para a sua construção fora desses limites, (Custódio, 1994).



Figura 2 – Terreno onde foi construído o complexo fabril na Carta Topográfica de Lisboa de Filipe Folque, (1856-58), ainda na proximidade da margem do Tejo, e a mesma área após a construção da fábrica, na Planta de Lisboa de Silva Pinto, (1911), já com o aterro que suportaria a Avenida da Índia e permitiria a construção da Doca de Alcântara.

De facto, Alcântara, até então periférica, detinha agora uma situação privilegiada com vista à ocupação industrial, com

amplo acesso a água para o accionar de engenhos industriais e como meio de aceder e escoar matérias-primas e produtos manufacturados.

No seguimento deste processo de industrialização, acompanhado da mencionada reformulação da frente ribeirinha, vemos surgir, no início do século XX, o complexo fabril da *Napolitana*, sobre a nova plataforma de terreno ganho ao rio Tejo, na sua confluência com a ribeira de Alcântara.

Segundo José Sarmento de Matos e Jorge Ferreira Paulo (Matos e Paulo, 2017), “a propriedade onde se instalou a fábrica Napolitana teve origem num grande terreno que se prolongava desde o Largo do Calvário até ao rio, ainda antes da abertura da Avenida da Índia. Era o Prazo do Poente, que pertencera até inícios do século XX ao Conde de Porto Covo da Bandeira, cujo domínio útil pertencia à Casa Daupias, da qual passou para a firma Burnay.” (Matos, Paulo, 2017: 8).

“Já em 1907, em 5 de Dezembro, a firma Burnay vendeu parte dos seus terrenos em Alcântara, por 20 contos de reis, à sociedade por quotas Gomes, Brito, Conceição, Reis, & Companhia Limitada, [momento a seguir ao qual] as edificações [pré-existent] foram demolidas e, no seu lugar, foi edificada uma fábrica, vindo os dois terrenos juntos a constituir um só prédio, assim descrito:

(...) *uma fábrica de moagem e massas denominada "A Napolitana", com quatro edifícios e um barracão destinados a casa da caldeira, máquinas, silos, depósitos de cereais, cocheiras, casa do guarda e outras dependências indispensáveis à laboração da fábrica.*» (Matos e Paulo, 2017: 10 a 13)

Instalada no tecido industrial de Santo Amaro, esta foi, assim, fundada em 1908, pela Sociedade Gomes Brito, Conceição, Reis & C.^a, e, posteriormente, adquirida pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias, em 1926, mantendo-se em actividade até 1970. O seu período de funcionamento enquadra-se precisamente num “tempo que se mostrou favorável à criação de fábricas de moagem a vapor,” (Ferreira, 1998: 274). Finda a sua actividade fabril, foi ocupada pelos escritórios do Grupo Auchan, obrigando à reconversão interior do espaço.

A fábrica mereceu desde logo destaque nas linhas editoriais da época, vindo a merecer divulgação, em 1909, num conjunto de números da revista *A Construcção Moderna*, como um caso singular no panorama nacional no que toca à solução construtiva e arquitectónica adoptada. Esta inclui “a utilização do tijolo sílico-calcário e sua sábia articulação com a exploração de um léxico depurado, vincadamente funcional, adaptado exclusivamente ao cumprimento de um programa para fabrico de massas,” (Folgado, 2014).

Os seus construtores, Vieillard & Touzet, imprimiram um cunho especial ao centro de Alcântara, implantando-lhe um edifício com um ar de catedral, revestido a tijolo refractário, com pequenos painéis azulejados sob as janelas das fachadas, denotando

uma concepção de arquitectura industrial já bastante avançada. (Ribeiro, Custódio e Santos, 1981:12)

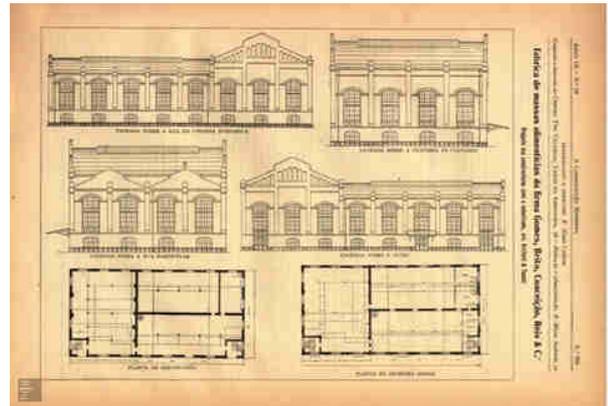


Figura 3 – Divulgação das plantas da fábrica *A Napolitana* no nº 286 da revista “*A Construcção Moderna*” (1909). (disponível em [Revistas de Ideias e Cultura \(slhi.pt\)](http://Revistas de Ideias e Cultura (slhi.pt))).



Figura 4 – Vista geral do complexo industrial, observando-se, em primeiro plano, o Edifício das Massas.

O seu projecto construtivo previu a edificação de um complexo industrial com diferentes prédios, incluindo a Fábrica de Moagem, a Fábrica de Massas, o Edifício do Silos, a Sala das Máquinas e a Sala das Caldeiras, entre outros anexos.

Exemplo de uma arquitectura perfeitamente adaptada às necessidades da produção industrial, as memórias descritivas dos vários edifícios¹ deixam compreender a conjugação das técnicas construtivas mais tradicionais, (paredes em alvenaria de pedra e argamassa de cal e areia), com as novas formas de construir, (e.g. fundações assentes sobre estacas de pinho, numa base de betão e argamassa de cimento).

Cada um dos edifícios tem uma volumetria e uma área distinta, exigências estritamente dependentes da função e do equipamento industrial a instalar. A moagem tem quatro pisos, cada um composto por duas fileiras de colunas em ferro fundido, permitindo

pela sua elevada potencia, a de 1200 HP acoplada a um alternador elétrico de igual força que fornece a energia que move todos os aparelhos d'esta fabrica.

O projecto para a sua Casa das Máquinas permite complementar esta descrição, observando-se a localização dos dois motores, ladeados por respectivos dínamos.

Um projecto de ampliação da Casa das Caldeiras, entregue na CML em 1913, permite compreender que a fábrica foi inicialmente pensada apenas com uma bateria destas caldeiras, tendo posteriormente vindo a ser ampliada, fruto da necessidade de aumento da sua capacidade motriz.

A partir de 1913 teremos então em funcionamento as duas baterias de caldeiras mencionadas, com respectivas fornalhas, encanamentos e outras áreas anexas, cujos vestígios foi possível identificar durante os presentes trabalhos arqueológicos.

As estruturas agora observadas, em conjunto com a descrição e o projecto mencionados, permitem compreender que nos encontramos perante um conjunto de caldeiras com fornalha interior, de origem inglesa, usadas desde meados do século XIX e habitualmente designadas de tipo Lancashire.

Correspondem a caldeiras cilíndricas, horizontais, com um depósito para a água, no interior do qual existem dois tubos de fogo para o seu aquecimento. A combustão acontece numa grade, na parte frontal da caldeira (fornalha), alimentada através de uma porta de fogo, e os gases quentes da combustão seguem através dos tubos de fogo, aquecendo a água que enche o depósito até meio, cobrindo-os. O vapor forma-se na sua zona superior, seguindo depois em canalizações para a Casa das Máquinas.

Habitualmente o cilindro é colocado sobre uma estrutura em alvenaria de tijolo que o envolve, servindo de isolamento, para manter as altas temperaturas, e garantindo protecção contra eventuais explosões, fruto da pressão do vapor.

As estruturas agora observadas, associadas a estes equipamentos, apresentam um mesmo aparelho construtivo, em alvenaria de tijolo maciço, de fabrico industrial, alguns dos quais com marcas do fabricante, (tendo sido possível identificar essencialmente fabricantes de origem portuguesa e inglesa). Como ligante foi usada argamassa de cal e areia, de tom amarelado.

Correspondem essencialmente a alguns níveis de circulação e muros, preservados apenas ao nível da sua base, assim como a um conjunto de infra-estruturas de apoio ao funcionamento das caldeiras.

A sua identificação permitiu uma leitura mais exacta das linhas que estruturavam a organização da Sala de Caldeiras.

As duas baterias, com duas caldeiras cada, foram instaladas em dois compartimentos paralelos, rectangulares, que se desenvolvem sob o comprimento, marcando o espaço interior do edifício.

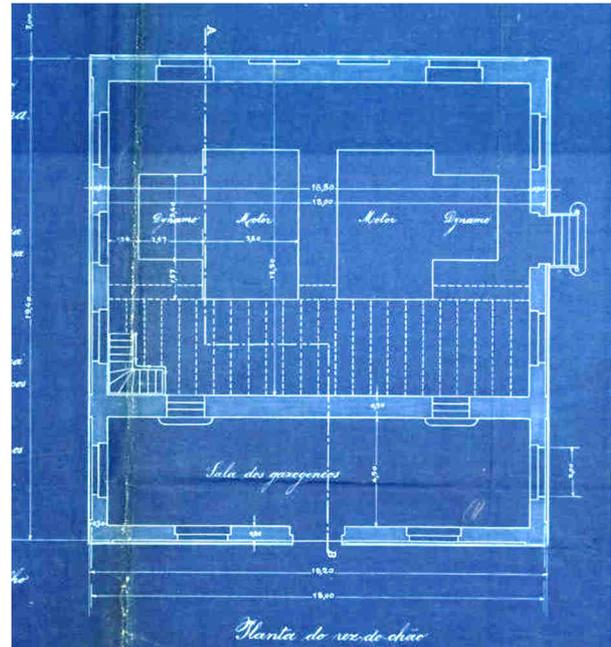


Figura 8 – Casa das Máquinas, planta do rés-do-chão, (AML, Obra 24497, Nº 4691/1908, fl. 6).

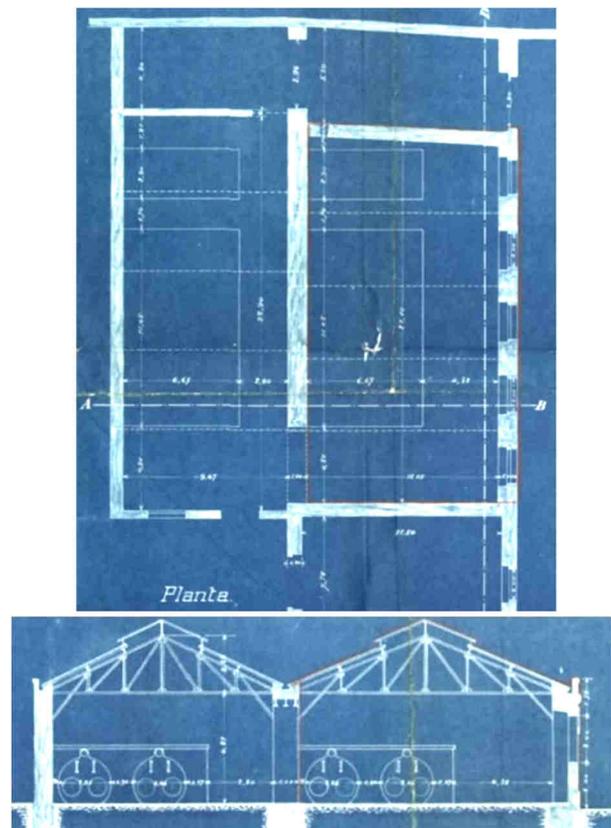


Figura 9 – Planta e corte da Casa das Caldeiras, de acordo com o seu projecto de ampliação, (AML, Obra 24497, Nº 2098/1912, fl.2).

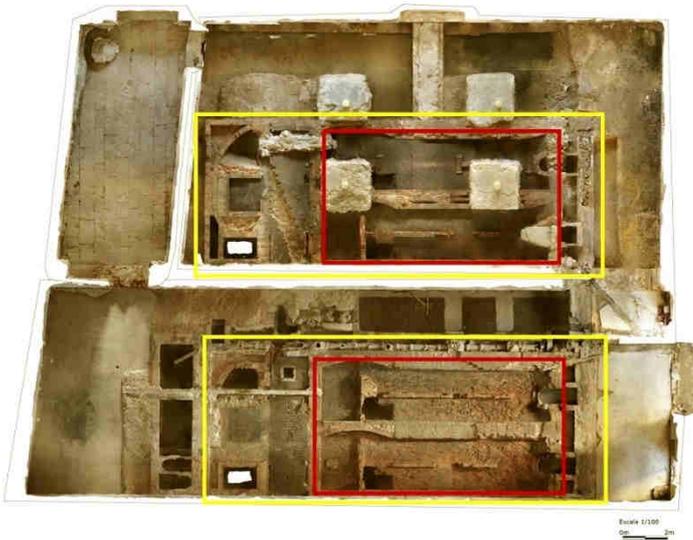


Figura 10 – Levantamento fotogramétrico da Casa das Caldeiras, observando-se os dois compartimentos paralelos para cada uma das baterias de caldeiras, (a amarelo), com suas áreas centrais onde se instalavam as caldeiras, (a vermelho), e suas restantes áreas anexas.

No local foi possível identificar os muretes que serviriam de suporte às caldeiras e dos quais nasceria a estrutura em alvenaria de tijolo que as envolvia. Correspondem à área onde estariam colocadas as duas caldeiras propriamente ditas, com portas de visita frontais, voltadas para a Casa das Máquinas.

Na restante área distribuem-se um conjunto de outras estruturas que se associam ao seu funcionamento, incluindo zonas utilitárias de manutenção e funcionamento das caldeiras, como os cinzeiros para depósito dos detritos e cinzas da combustão ou um economizador, equipamento onde a água de alimentação das caldeiras sofria um ganho inicial de temperatura, instalado junto à sua área posterior, local onde se identificou uma provável área de combustão correspondente a este equipamento.

Em qualquer casa de caldeiras o espaço encontrar-se-ia ainda marcado por um conjunto de infra-estruturas que se associam ao seu funcionamento, nomeadamente:

- O circuito de água, para criação de vapor. Tanto ao nível da água que chega às caldeiras, como do seu circuito interno, para aquecimento e vaporização, e ainda do transporte do vapor para a Casa das Máquinas;
- O circuito de eliminação de fumos, gases e hulhas provenientes da combustão, em túneis e galerias subterrâneas, seguindo para a chaminé.

No caso do circuito de água, o mesmo é habitualmente feito através de um primeiro conjunto de tubagens de ferro, que transportam a água do seu depósito ou da rede pública para as caldeiras, e de um segundo conjunto que distribui o vapor para a Casa das Máquinas.



Figura 11 – Vista geral da área de instalação de uma das baterias de caldeiras.



Figura 12 – Área de combustão na zona posterior das caldeiras.

Durante os presentes trabalhos não foi ainda possível identificar tubagens deste tipo directamente ligadas à Casa das Caldeiras. Num edifício anexo às mesmas foi, no entanto, identificado um grande depósito de água, de onde partiam um conjunto de canalizações em ferro, distribuindo água para os restantes edifícios da fábrica, exemplificando como poderia ter ocorrido este circuito na Casa das Caldeiras.

No caso do circuito de eliminação dos ditos fumos negros, provenientes do processo de combustão, foi agora possível identificar um conjunto de encanamentos subterrâneos, através dos quais, seriam conduzidos os fumos e gases produzidos na fornalha, até à sua expelição pela chaminé.

Em ambas as áreas de instalação das caldeiras se identificaram túneis subterrâneos, construídos em alvenaria de tijolo, com ligação às caldeiras e provável ligação entre as salas. Estas estruturas encontram-se entaipadas por uma elevada quantidade de tijolos, não tendo sido possível compreender a sua ligação para o exterior, sendo provável a presença de uma conduta no sentido da extinta chaminé.



Figura 13 – Vista geral do depósito de água identificado na sala anexa às caldeiras, com tubagens em ferro que dele saem para distribuição de água.



Figura 14 - Vista de um dos túneis identificados, com provável uso para escoamento dos subprodutos da combustão.

Elemento fundamental nos espaços de carácter industrial desta época, a chaminé encontra-se, por norma, junto à casa das caldeiras facilitando a eliminação dos fumos mencionados. Os seus característicos altos fustes, representando o corpo principal, preferencialmente troncocónico, são rematados por capitéis, por vezes com efeito decorativo, e assentam sobre bases ou pedestais, que “podem ter diversas formas: prismática de planta quadrangular, octogonal ou circular,” (Costa et al., 2014: 218).

No âmbito da presente escavação arqueológica foi possível colocar à vista uma estrutura que corresponde à provável

base da chaminé associada a este conjunto industrial, numa zona imediatamente anexa à Sala das Caldeiras. Esta é constituída por um robusto alicerce de planta rectangular, em alvenaria de argamassa, sobre o qual se observa o provável arranque da chaminé, de planta circular, construída com tijolo e argamassa de cal e areia, observando-se vestígios de combustão.



Figura 15 - Alicerce da antiga chaminé, anexa à Sala das Caldeiras.

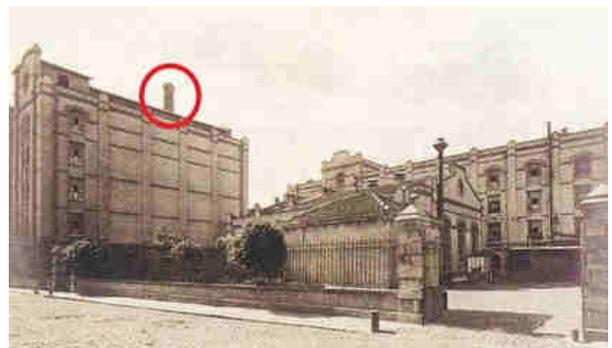


Figura 16 - Fotografia onde se observa o topo da antiga chaminé da fábrica, localizada na zona traseiro do edifício dos silos, correspondendo à área onde se identificou o alicerce mencionado, ([DGPC | Pesquisa Geral \(patrimoniocultural.gov.pt\)](http://DGPC | Pesquisa Geral (patrimoniocultural.gov.pt)))

As realidades mais recentes, relacionadas com o funcionamento da fábrica, correspondem a um conjunto de tanques que rodeiam uma das baterias de caldeiras, construídos em tijolo e cimento, com elementos de encaixe em ferro nas paredes e um fundo compartimentado, no qual se atingiu o nível freático. Num dado momento, após desactivação da sua função primária, os tanques foram colmatados por entulhos e lixos recentes.

Apontando-se para os mesmos uma provável função de depósitos de água, aponta-se como hipótese interpretativa que estas estruturas tivessem funcionado associadas a geradores a vapor montados no seu interior. De facto, “os geradores deste tipo carregam uma grande quantidade de água no interior de um invólucro ou casco, dentro do qual se encontram também as fornalhas, câmaras de combustão e

tubos vaporizadores. Nestes geradores, as fornalhas, as câmaras de combustão e os tubos estão submersos na água contida no interior do casco.” (Mucciacito, 2012).

3. Considerações finais

Os contextos arqueológicos identificados, no decorrer da reabilitação da antiga fábrica *Napolitana*, apresentam um carácter industrial e associam-se, na globalidade, à sua construção e funcionamento. Foi possível observar que a sua edificação se realizou sobre um conjunto de aterros com materiais setecentistas e oitocentistas, que cobriam, por sua vez, níveis naturais de assoreamento da ribeira de Alcântara (lodos e areias), são se tendo identificado qualquer contexto representativo de uma anterior ocupação desta área.

No que toca às sondagens de diagnóstico realizadas, os vestígios detectados prenderam-se, principalmente, com a construção do edificado, englobando seus alicerces e infra-estruturas, verificando-se que o nível de ocupação e funcionamento da fábrica se faria genericamente próximo à cota de circulação actual, já totalmente afectado pelo uso do espaço como área de escritório.

A escavação em área realizada no local de construção do novo edifício permitiu identificar um conjunto de realidades relacionadas com a antiga Casa das Caldeiras, incluindo estruturas associadas às duas baterias de caldeiras, de tipo Lancashire, e um conjunto de infra-estruturas relacionadas com o seu funcionamento, incluindo o sistema de distribuição de água e de escoamento de subprodutos do seu funcionamento.

Dada a menor importância desta área técnica do funcionamento deste e de outros complexos industriais, os dados históricos e arquivísticos sobre a mesma são muitas vezes raros ou omissos, ganhando assim particular importância os dados arqueológicos recolhidos no terreno, acrescentando uma perspectiva arqueológica sobre estes contextos.

NOTAS

¹ O projecto construtivo e respectivas memórias descritivas encontram-se disponíveis para consulta no Arquivo Municipal de Lisboa - AML, Processo de obra nº24497.

² Arquivo Municipal de Lisboa - AML, Processo de obra nº24497.

³ ANTT, 9CNL, Série B, Livros de Notas, Cx. 136, Liv. 30, fls. 90v-97v, *apud* Matos e Paulo, 2017: 13)

⁴ *Ilustração Portuguesa*, 2ª Série, nº505, 25 de Outubro de 1915, pp. 543-544, disponível em [ilustracaoportuguesa \[1915 | N.º 463 ao n.º 514\] \(cm-lisboa.pt\)](http://ilustracaoportuguesa[1915|N.º463|ao.n.º514](cm-lisboa.pt)).

Referências Bibliográficas

COSTA, A.; ORNELAS, C.; GUEDES, J.; PAUPÉRIO, E. (2014) – Chaminés de alvenaria de tijolo. Sistema construtivo de chaminés para fábricas no Porto entre os séculos XIX e XX. *Anuário do Património*. 2: 216-221.

CUSTÓDIO, J. (1994) – Reflexos da Industrialização na fisionomia e vida da cidade. *O Livro de Lisboa*. Lisboa. Livros Horizonte: 435-492.

FERREIRA, J. A. C. (1998) – Um século de moagem em Portugal de 1821 a 1920: Das Fábricas às Companhias e aos grupos de Portugal colónias e da Sociedade Industrial Aliança. *A Indústria Portuguesa em perspectiva histórica: Actas do Colóquio*. Lisboa. CLC-FLUP: 271-283.

FOLGADO, D. (2004) – *Século XX – A Napolitana*, Direcção-Geral do Património Cultural; Departamento de Estudos (disponível online [DGPC | Património Industrial \(patrimoniocultural.gov.pt\)](http://DGPC|PatrimónioIndustrial(patrimoniocultural.gov.pt))).

MARQUES, B. (2009) – *O vale de Alcântara de como caso de estudo: Evolução da Morfologia Urbana*. Dissertação para obtenção do grau de Mestrado em Arquitectura. Instituto Superior Técnico. Lisboa.

MATOS, J.S.; PAULO, J. (2017) – *Estudo histórico e patrimonial sobre A Napolitana – Unidade Industrial, em Alcântara*.

MEDINA, R. (2012) – *Intervir com uma Pré-Existência: A Memória Preservada na Central Tejo (Leitura e Projecto)*, Dissertação para obtenção do grau de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura. Lisboa.

MUCCIACITO, J.C. (2012) – Caldeiras de Alta Pressão. *Revista Meio Filtrante*. Edição Nº 57 - Julho/Agosto de 2012 - Ano 11, (disponível online [Caldeiras De Alta Pressão - Revista Meio Filtrante](http://CaldeirasDeAltaPressão-RevistaMeioFiltrante)).

RIBEIRO, I.; CUSTÓDIO, J.; SANTOS, L., (1981) – *Arqueologia Industrial do Bairro de Alcântara, Estudo e Materiais - Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa*. Lisboa. Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

ROSA, A.; SIMÃO, I. (2018) – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Reabilitação do Complexo fabril “A Napolitana. Rua da Cozinha Económica, Alcântara. Lisboa. Era Arqueologia S.A.

ROSA, A.; SIMÃO, I. (2021) – Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos. Reabilitação do Complexo fabril “A Napolitana. Rua da Cozinha Económica, Alcântara. Lisboa. Era Arqueologia S.A.

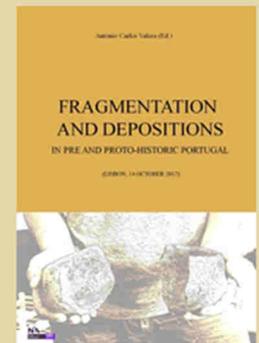
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de
workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2022)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

